

## RECURSOS MINERAIS EM PORTUGAL

### retrospectiva histórica, situação actual e perspectivas futuras

A exploração e utilização racional dos recursos minerais tem marcado todas as etapas evolutivas da Civilização Humana, constituindo hoje, mais do que nunca, um enorme desafio a todos os que se dedicam à prospecção mineira e à implementação de novas tecnologias extractivas. O desenvolvimento sustentado de qualquer comunidade humana depende em larga medida das directivas e medidas político-económicas que forem implementadas no sentido de: (i) otimizar a extracção dos recursos identificados (as reservas, em particular), minimizando ainda o impacto ambiental que localmente tal actividade induz; (ii) pesquisar novos alvos em províncias metalogenéticas conhecidas (recursos hipotéticos), e (iii) fomentar estudos geológicos que promovam a definição de contextos favoráveis à ocorrência de novos jazigos (recursos especulativos)

A actividade mineira em Portugal continental tem-se desenrolado de forma relativamente contínua desde épocas pré-romanas, sendo, portanto, desde há muito conhecidas as principais províncias metalogenéticas e domínios privilegiados de extracção de matéria-prima não-metálica. É, pois, possível afirmar que a distribuição das numerosas ocorrências e dos jazigos metálicos conhecidos se encontra globalmente condicionada por alinhamentos regionais de carácter litológico (por vezes, litoestratigráfico) e estrutural, indubitavelmente dependentes da evolução geológica a que o soco foi sujeito, em particular no decurso da Orogenia Hercínica. As áreas potenciais para minerais e rochas industriais distribuem-se, por sua vez, um pouco por todo o território, compreendendo unidades rochosas do soco e ainda formações constituintes das orlas Meso-Cenozóicas. Até meados dos anos 80, a produção portuguesa no domínio dos recursos minerais foi dominada pelos materiais de construção, com relevo para rochas ornamentais (mármore e granito), seguindo-se a produção de metais não ferrosos, pirites (enxofre) e carvão. Tal traduzia cabalmente o carácter sub-económico da maioria dos recursos metálicos identificados; em 1988, mais de 80% das exportações ( $\approx 27,53$  milhões de contos) corresponderam a rochas ornamentais, sendo o restante devido quase exclusivamente à colocação de tungsténio, urânio e algum ouro e prata no mercado internacional. Com o início da exploração de Neves-Corvo em 1989, tal panorama alterou-se radicalmente; em 1994, a percentagem relativa de minérios metálicos exportados atingiu os 56 % ( $\approx 57$  milhões de contos), cabendo aos minérios de cobre produzidos por aquele centro mineiro 45 % deste valor.

O potencial mineiro das províncias metalogenéticas portuguesas conhecidas é efectivamente bastante elevado. Continua a ser necessário, contudo, investir nos domínios da investigação e prospecção mineral, porquanto a identificação de novos jazigos (especialmente os ocultos) depende em larga medida da pesquisa multidisciplinar (cartografia geológico-estrutural, metalogenia, geofísica e geoquímica) que constantemente renova os nossos conhecimentos, contribuindo inequivocamente para a valorização do nosso património natural. Ilustram cabalmente esta afirmação as várias descobertas registadas nos últimos vinte anos, todas baseadas em estudos geológicos de elevado mérito. Estudos geológicos em curso, bem como outros que se venham a concretizar num futuro próximo, poderão mesmo conduzir à identificação de anomalias geoquímicas potencialmente económicas (em ouro, prata, lítio, urânio, níquel e cobre). Face aos dados actualmente disponíveis, afiguram-se ainda extraordinariamente positivas as perspectivas futuras na definição de novas províncias metalogenéticas ou domínios de extracção de matéria-prima industrial e ornamental, quer na Meseta e na Zona Económica Exclusiva marítima, quer nas orlas Meso-Cenozóicas.